

CULTURA E DECOLONIALIDADE EM *QUARTO DE DESPEJO*¹

Valeria de Fatima Tartare Marassatto ²
Profa. Dra. Maria de Fátima Guimarães ³

RESUMO

Esta comunicação visa apresentar o resultado da pesquisa de mestrado *Compreensão de Cultura por Carolina de Jesus em Análise Decolonial de “Quarto de Despejo”*. Teve por origem na indagação de se em torno de tal obra literária seria possível captar a concepção de cultura por parte de sua autora, Carolina de Jesus. Em busca de tal implícito (ou explícito), percorreu-se as páginas de sua narrativa memorialística, com vistas a que o seu resultado possa lançar luz não apenas sobre aspectos concernentes à época tratada, 1950-1960, mas suas potenciais conexões no sentido de entender problemas sociais contemporâneos. Tal investigação valeu-se do artifício de olhar o passado a partir do presente, com o aporte das teorias decoloniais, que permitem um olhar outro sobre costumes, na busca das permanências coloniais das gentes. Tal empreitada logrou êxito no sentido de perceber que cultura e educação letrada eram, para Carolina, aspectos coexistentes. Faz-se mister considerar as experiências relatadas em tais memórias e as relações de poder a partir das quais estas foram formadas.

Palavras-chave: Educação, Literatura, Colonialidade.

INTRODUÇÃO

A pesquisa ora apresentada, que versou sobre a concepção de cultura por parte de Carolina Maria de Jesus, captada em sua obra de estreia *Quarto de despejo* (2014), de subtítulo *diário de uma favelada*, foi desenvolvida no curso de mestrado do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco e junto ao grupo de pesquisa Rastros: História, Memória e Educação. Entendemos que identificar esta questão específica ajuda a entender os contributos de uma obra literária, escrita por uma mulher pobre, migrante, negra e moradora da favela do Canindé, na São Paulo das décadas de 1950-1960, tanto para o entendimento da colonialidade do poder, do saber e do ser quanto para a compreensão de problemas sociais do Brasil de ontem e de hoje.

¹ Este artigo é resultado de projeto de pesquisa financiado pela Universidade São Francisco – USF, no ano de 2019, e pela CAPES entre o primeiro semestre de 2020 e segundo semestre de 2021.

² Pós-graduanda do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco - USF, valeria.marassatto@mail.usf.edu.br.

³ Orientadora, fatima.guimaraes@usf.edu.br.

Assim, a partir das noções de experiência e cultura propostas por Thompson (1981, 1998), considerando o lugar social e as experiências narradas nesta obra autobiográfica por Carolina, buscamos rastrear tais indícios e, a partir de sua identificação, proceder a uma análise baseada nos pressupostos decoloniais, conforme os concebem Dussel (1993), Quijano (1992, 2005), Mignolo (2010, 2017) e Maldonado-Torres (2007). *Paripassu*, fomos ao encontro da concepção de “escovar a história a contrapelo”, conforme Benjamin (1985, 1987), bem como a percepção de circularidade cultural segundo Bakhtin (2008).

Para esta breve exposição, organizamos este texto da seguinte forma: em um primeiro momento, trazemos a metodologia e o referencial teórico. Então, prosseguimos com a análise decolonial dos trechos em que flagramos o uso da categoria de cultura, conforme a mobilou a escritora, seguida das considerações finais.

METODOLOGIA

Nosso procedimento de pesquisa parte da noção de experiência proposta por Thompson (1981). Para este historiador, o surgimento, ainda que espontâneo, da experiência no ser social⁴ implica, antes, em pensamento. Um sujeito que reflete sobre o que lhe acontece, bem como o que acontece a sua volta, é condição para a mudança nesse ser social que propicia a experiência modificada que, por sua vez, promove pressões sobre a consciência social⁵ existente, sugerindo a emergência de novos questionamentos, resultando em material passível de investigação.

Dessa forma, as experiências narradas em *Quarto de despejo* constituem esse material que se oferece ao processo de pesquisa. Além disso, para compor este “discurso científico da demonstração” (THOMPSON, 1981, p. 15), é mister, conforme o historiador, que nos ocupemos da formação da consciência social e de suas tensões.

Isso implica expandir o âmbito da observação para além do objeto do conhecimento em si, neste caso, Carolina e seu diário, ou ainda o fato especificamente –

⁴ Ser social: “[...] assim como o ser é pensado, também o pensamento é vivido - as pessoas podem, dentro de limites, viver as expectativas sociais ou sexuais que lhes são impostas pelas categorias conceituais dominantes” (THOMPSON, 1981, p. 17).

⁵ A consciência social, segundo Thompson (1981) atua de volta sobre o ser através da cultura não autoconsciente, do mito, da ciência, da lei, de uma ideologia articulada. Ser social e consciência social dialogam entre si.

a experiência de racismo. Thompson (1981) propõe preocuparmo-nos com as múltiplas evidências, que, interrelacionadas, constituem o objeto de investigação. Em outras palavras, para além da materialidade há um movimento, uma espacialidade, uma temporalidade, que compõem o conjunto e que devem ser considerados.

No caso em questão, Carolina é o ser social que, em meio a essa movimentação, também se agita e, a partir daquilo que lhe acontece, parece atritar contra a consciência social existente, sobre a qual pode porventura se lançar, provocando quiçá uma ruptura. Desse modo, novos problemas emergem e fazem girar a roda contínua de experiências.

Ainda que, segundo Thompson (1981), a categoria experiência seja imperfeita, ele defende a sua imprescindibilidade, dada a resposta emocional e mental que compreende, em nível individual ou coletivo e a interrelação dos acontecimentos ou mesmo a repetição de um tipo único de acontecimento. Nesse esforço, partimos da noção de experiência e cultura proposta por Thompson (1981) enquanto procedimento de pesquisa, iniciando pela superfície textual esta investigação, considerando ainda que silêncio e ausência também explicitam tensões, disputas e conflitos oriundos de intencionalidades e relações desiguais de poder.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao mobilizar os pressupostos teóricos acerca de memória, que, segundo Benjamin (1985), deve ser considerada na relação com a história, sua proposta repousa na possibilidade da emersão de questões cotidianas a partir dessa memória que, mesmo individual, está imbricada com uma memória coletiva. Esta concepção contempla ainda o entrecruzamento de visões presentes e passadas, o que permite a percepção de questões sociais candentes tanto na contemporaneidade quanto no pretérito desnudado a partir de uma nova leitura desta realidade.

Já a narrativa singular de Carolina, dada a sua condição social, gênero e etnia, permite-nos ir ao encontro de uma história contada a partir do ponto de vista dos vencidos e não dos vencedores (LÖWY, 2005). É esta a proposta de Benjamin (1987) para que se busque escovar a história a contrapelo, no sentido de viabilizar uma história outra, que não a oficial, sem perder de vista o presente como uma construção histórica.

Em consonância a isso, Thompson (1981), por sua vez, propõe considerar o papel dos sujeitos na história, analisando os fenômenos sociais a partir da sua expressão em condições materiais constituídas historicamente, identificando evidências e investigando suas particularidades. Com a compreensão do modo de vida das pessoas, é possível captar o pensamento que as levou a tomar determinadas atitudes.

Portanto, experiência e cultura, para ele, constituem “[...] um ponto de junção entre estrutura e processo, entre as determinações objetivas do ser social e a possibilidade do agir e da intervenção humanos” (MORAES E MÜLLER, 2003, p. 12). Assim, atrelada à concepção de experiência – colocada como condição para o trabalho do historiador –, Thompson entende a cultura como um organismo vivo, como componente ativo de análise histórico-social.

Nesse método de análise, Thompson (1981) parte do pressuposto de que entre sujeito e objeto há uma relação dialética no processo de construção do conhecimento, corroborando o ponto de vista do materialismo histórico. Cabendo, portanto, o emprego de procedimentos teóricos em que pensamento, ser e espaço estão imbricados em diálogos constantes nesse processo:

[...] primeiro, o diálogo entre o ser social e a consciência social, que dá origem à experiência; segundo, o diálogo entre a organização teórica (em toda a sua complexidade) da evidência, de um lado, e o caráter determinado de seu objeto, de outro (THOMPSON, 1981, p. 42).

Quando Thompson diz “em toda sua complexidade”, implica considerar teoria e fato histórico com base nas relações materiais e culturais determinadas historicamente, ou seja, provisórias. Assim, Thompson (1981, p. 49) propõe a “lógica histórica” como método investigativo a ser aplicado ao objeto da história – que por si mesmo não se manifesta –, interrogando-o a partir do levantamento de hipóteses sucessivas, referentes ao que quer que seja dentro das possibilidades plausíveis, eliminando-se juízos de valor. Ao resultado que se chega a partir desta metodologia, Thompson (1981, p. 49) chama de “discurso histórico disciplinado da prova”.

De outra parte, ao explorar a atuação mútua entre cultura popular e literatura, Bakhtin (2008) revela o dinâmico do conjunto, a circularidade cultural – conceito do qual nos valem – presente na Europa pré-industrial. Trata-se da comunicabilidade das classes subalternas com a das classes dominantes em interação cultural. É bem certo, segundo o autor, que essa reciprocidade não acontece em nível de igualdade, nem de forma suave. Resistências de lado a lado são percebidas e extrapolam o âmbito da

literatura, revelando tensões nessa dinâmica dialógica entre o erudito e o popular, mas mantendo uma relação entre si, ainda que uma filtre os elementos culturais pertencentes à outra e vice-versa.

No tocante às contribuições teóricas decoloniais (Dussel, 1993; Mignolo, 2010, 2017; Quijano, 1992, 2005), tomamos *Quarto de despejo* e autora por este ângulo outro, que surge da proposta de Dussel (1993) do novo marco histórico para a modernidade como sendo o ano de 1492, no processo não de descobrimento, mas de destruição da América, em que os povos originários foram destituídos de realidade, restando-a somente ao europeu.

Arelado a esse entendimento, Aníbal Quijano (2005) introduz o conceito de colonialidade e Walter Mignolo (2017) a explora, sendo, a partir deste momento, concebida por ele como “[...] o lado mais escuro da modernidade” (MIGNOLO, 2017, p. 1). Conforme sugere Mignolo (2010), o conceito de colonialidade do poder é composto por uma matriz colonial estruturada, cujos níveis se entrelaçam, abrangendo o controle: da economia, da autoridade, da natureza e dos recursos naturais, do gênero e da sexualidade; da subjetividade e do conhecimento.

Assumindo uma miríade ampla de influências teóricas, o grupo de intelectuais atualiza a tradição crítica de pensamento latino-americano, oferecendo releituras históricas e problematizando velhas e novas questões para o continente. Esses autores defendem a “opção decolonial” – epistêmica, teórica e política – para compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva (BALLESTRIN, 2013).

Por fim, Maldonado-Torres (2007) se propõe, a partir do conceito de colonialidade do ser e em diálogo com esses pensadores, o desafio de conectar os níveis genético, existencial e histórico, por eles proposto, pois entende ser este o ponto onde o Ser evidencia seu lado colonial e suas fraturas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Carolina Maria de Jesus era mulher, era negra, pobre e migrante, mas também era escritora, compositora e poetisa. Recentemente foi-lhe outorgado o título de Doutora

Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (SECOM/CFCH, 2020)⁶. *Quarto de despejo*, é sua obra mais conhecida, foi publicada em 1960, traduzida para 13 idiomas e distribuída para 40 países com tiragens que superaram em 100 vezes obras de escritores brasileiros já consagrados⁷ apenas no primeiro ano. Escrita na década de 1950, é resultado de uma seleção, feita pelo jornalista Audálio Dantas, dentre seus diários, com o relato do seu cotidiano (JESUS, 2014).

Em consequência, trata-se de experiências ao longo de uma vida que, no caso de Carolina, carregam rastros de quilombo, de cidade, de sítio, de estrada, de metrópole; de pessoas boas e de pessoas desumanas; de caminhos tortos traçados na vida dura por ela enfrentada. Nesse sentido, a experiência de vida de Carolina é basilar para o registro de um lado dessa história que, geralmente, é escrito por aquele que olha do ponto de vista de quem não a viveu. Essa maneira como percebe o mundo no decorrer de sua narrativa traz permanências, mas também transformação.

E se, segundo bem sintetizou Larrosa (2014, p. 74),

[...] a experiência é o que nos acontece, o que é a vida senão o passar do que nos acontece e nossas torpes, inúteis e sempre provisórias tentativas de elaborar seu sentido, ou sua falta de sentido? A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser. A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la.

Com vistas nesse tipo de experiência, observamos que, de um lado, Carolina destacava-se pelo domínio da leitura e da escrita, sobressaindo-se aos seus pares e, de outro – junto aos moradores de bairros estruturados ou mesmo à imprensa –, sua cultura letrada era considerada uma cultura menor. E nesse último caso, sua condição de emergente não apagava sua condição social, sua etnia ou seu gênero. Algumas publicações anunciando seu sucesso literário atrelavam ao nome da autora expressões como: escritora da favela (sem identificação); catadora de papel (jornal *Última Hora*, SP, 06/05/1960), favelada (mesmo jornal, sem data); e ex-favelada (sem identificação). (FARIAS, 2018, Caderno de imagens – parte 2).

⁶ CFCH aprova concessão de título Doutora Honoris Causa a Carolina de Jesus. Publicado em Terça, 10 novembro 2020. Escrito por SeCom/CFCH (Setor de Comunicação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ). Disponível em: <http://www.cfch.ufrj.br/index.php/27-noticias/1388-cfch-aprova-concessao-de-titulo-doutora-honoris-causa-a-carolina-de-jesus>. Acesso em: 09 mar. 2021.

⁷ Hoje já são 16 IDIOMAS, com 3 milhões de exemplares vendidos (SECOM/CFCH, 2020) e, segundo Vera Eunice em uma entrevista de setembro de 2020, com proposta de tradução para Espanha, Itália, Portugal e Colômbia (COLETIVO LEITOR, 2021).

Logo, essa pode ser uma pista para o sucesso inicial de Carolina como escritora, que, de dentro da favela, do meio dos papéis que catava pelas ruas da grande metrópole, revela sua voz, carregada de uma realidade que já existia, porém, que não tinha espaço para se expressar até então. O que importa é entender que houve movimentos históricos importantes para que isso pudesse chegar a termo e “Cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores [o gênero, a sexualidade, a raça/etnia, etc.]” (HALL, 2014, p. 27).

Ao tomarmos essa obra de Carolina e confrontá-la com outras fontes, constatamos que em algumas situações parece que sua compreensão de cultura segue ao encontro de uma hierarquização de saberes no qual o saber escolarizado e letrado se sobrepõe aos demais. Em outras situações, parece que de forma tática ela se alinha à compreensão de cultura dos segmentos da elite branca, letrada e urbana, visando à publicação e divulgação de suas obras. Há ainda momentos em que ela registra, através de sua linguagem singular, a potência de sua produção cultural insurgente, tanto pela forma quanto pelo conteúdo.

Não identificamos que Carolina perceba que as coisas cotidianas que fazia, como carregar água, lavar a roupa na beira do rio, trabalhar na reciclagem do lixo, por exemplo, fossem expressões da cultura de um tempo. Não há qualquer menção a esse respeito. Mesmo os bailes – costume na favela, especialmente depois da vinda de muitos nordestinos para ali – não são tomados como cultura. Ou ainda a existência de uma favela em plena metrópole, tantas vezes alardeada em *Quarto de despejo*, não é vista por ela como resultado de uma cultura de opressão por parte do sistema vigente hegemônico, sendo, todas essas, definições de cultura conforme Thompson (1998). Mais parece que Carolina a entende como consensualmente é tomada, no sentido de acesso à cultura na forma de livros, escola, cinema, ou seja, sem aproximá-la das “[...]fraturas e oposições existentes dentro do conjunto” (THOMPSON, 1998).

Em um único momento, Carolina faz referência direta ao termo cultura, que vai ao encontro das pistas deixadas ao longo do texto, ao sempre se referir à leitura e à escrita como habilidades que aqueles que não as desenvolvessem seriam pessoas incultas. Por pensar dessa forma, não deixava que os filhos faltassem às aulas em hipótese alguma, o que nos autoriza a pensar que acreditasse que só através da educação escolarizada – um privilégio mais acessível às pessoas que não habitavam a favela – seria possível o acesso à essa cultura.

... É 5 e meia. O frei Luiz está chegando para passar o cinema aqui na favela. Já puzeram a tela e os favelados estão presentes. As pessoas de alvenaria que residem perto da favela diz que não sabe como é que as pessoas de *cultura* dá atenção ao povo da favela. (JESUS, 2014, p. 81-82, grifo nosso) *6 de julho de 1958*.

Da mesma forma, a palavra *inculta*, no plural, é enunciada uma única vez:

– Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são *incultas*, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos (JESUS, 2014, p. 20, grifo nosso) *19 de julho de 1958*.

Apesar de contemporânea de Thompson, não é de se estranhar que Carolina não se aproximasse da noção de cultura proposta pelo historiador, já que, ao explorar as relações entre esta e a educação do ponto de vista histórico, ele promoveu uma espécie de renovação na historiografia dos anos 1960, rompendo paradigmas que mesmo outros historiadores combateram (VIDAL; SALVADORI; COSTA, 2019).

Aliás, cultura, de modo geral, talvez não entendida por Carolina – ou mesmo por aqueles a quem ela tomava por cultos – para além do senso comum, em que pessoas que dominam a leitura e a escrita, pessoas escolarizadas, é que têm acesso. Ou, ainda, uma visão estratégica adotada por ela, para minimizar as resistências às suas memórias, dado que sua intenção era a publicação destas, ou seja, a sua transformação em mercadoria.

Portanto, uma noção de cultura distinta daquela proposta por Thompson (1998), em que o conjunto de modos de ser, pensar e agir no mundo é inseparável da experiência que Larossa (2002, p. 21) muito bem sintetizou como sendo “[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”.

Na dicotomia colonialidade-decolonialidade analisada em *Quarto de despejo* na relação com outros textos identificamos uma colonização epistemológica (QUIJANO, 1992), devido ao conteúdo eurocêntrico circulante entre os vários grupos sociais da sociedade ocidental colonizada (DUSSEL, 1993). Dos 1500 em diante, seja em obras de arte, literatura, no contato cotidiano entre as gentes ou mais recentemente nos livros didáticos, a influência colonial vem servindo aos dominadores na permanência da situação de opressão sobre os subalternizados, ainda que a dialogicidade e a circularidade cultural permeie esses grupos, inviabilizando o conhecimento das pessoas sobre si mesmas (BAKHTIN, 2008).

Nesse sentido, a análise de *Quarto de despejo* pelo viés decolonial permitiu-nos perceber que as marcas deixadas pela colonialidade nos seres são muito profundas,

estabelecendo uma relação de difícil desvinculação, não devendo, portanto, ser ignoradas. Ademais, a existência de uma hegemonia epistêmica eurocentrada continua fazendo vítimas, deslegitimando o *status* de ser humano das populações subalternizadas e racializadas (MIGNOLO, 2010).

Dessa forma, constatou-se em *Quarto de despejo* que, cinco séculos após a colonização, vivia-se em uma sociedade profundamente desigual e separada por uma ideia de raça, em que os brancos eram beneficiados dessa separação e desigualdade, posto ainda permanecerem os dominadores. E esse racismo estrutural chega aos dias de hoje, necessitando do trabalho árduo feito pelas minorias e por aqueles que as apoiam na tentativa de se promover a equidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados das análises, foi possível flagrar a importância dessa obra literária para uma reflexão sobre os problemas sociais enfrentados neste País, dos discursos e das representações sociais e culturais e da potência de se trabalhar com memórias de experiências carregadas de relações de poder no sentido de pensar estratégias de mudança social, o que nos garantiu potencializar a compreensão das implicações do colonialismo na maior cidade do País.

Ao tomar *Quarto de despejo* e confrontá-lo com outras fontes, constatamos que em algumas situações parece que a compreensão de cultura por parte de Carolina segue ao encontro de uma hierarquização de saberes na qual o saber escolarizado e letrado sobrepõe-se aos demais. Em outras circunstâncias, parece que, de forma tática, ela se alinha à compreensão de cultura dos segmentos da elite branca, letrada e urbana, visando à publicação e divulgação de suas obras. Há, ainda, momentos em que ela registra, em sua linguagem singular, a potência desta produção cultural insurgente, tanto pela forma quanto pelo conteúdo.

Pensamos que tal constatação vá no mesmo sentido da ambivalência da sua compreensão de cultura e permite-nos supor que Carolina “intuía” as tensões sociais, as disputas simbólicas e os conflitos de interesse que implicavam no uso da expressão cultura, bem como das reverberações que esta poderia suscitar. Em termos hipotéticos, não fica claro se Carolina assim o fez em virtude de uma adesão de fato ou de interesse, visto que o texto não faz menção à sua motivação.

Em um momento em que o Ministério da Cultura foi extinto, vale lembrar que qualquer coisa produzida pela sociedade é cultura, qualquer coisa que não seja natureza é cultura. Não há como falar de cultura sem falar de sociedade e vice-versa. Também é cultural o estigma de que o que vem de fora é melhor do que aquilo que há aqui. E com isso vamos legitimando a condição de colonizados, muito embora a descolonização tenha ocorrido há bastante tempo.

Fica clara a necessidade tanto de se reconhecer as tensões sociais, as disputas simbólicas e os conflitos de interesse imbricados nessa realidade quanto de se ir ao encontro das demandas de tais segmentos. Pensamos que uma das formas possíveis de resistência, dentre outras, seria instrumentalizar esse segmento desprestigiado no sentido de também estar preparado para lutar por seus direitos nos diferentes níveis institucionais do Estado.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261- 306.
- BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o Giro Decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, pp. 89-117, aio/ago. 2013.
- BENJAMIN, W. **Teses sobre filosofia da História**. Trad. Flávio Kothe. SP: Ática, 1985.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 222-234.
- CFCH aprova concessão de título Doutora Honoris Causa a Carolina de Jesus. **SECOM/CFCH**, 2020. Disponível em: <http://www.cfch.ufrj.br/index.php/27-noticias/1388-cfch-aprova-concessao-de-titulo-doutora-honoris-causa-a-carolina-de-jesus>. Acesso em: 09 mar. 2021.
- COLETIVO LEITOR, 2021. **Os 60 Anos de Quarto de Despejo: Entrevista Exclusiva – Parte 2**. 17 fev. 2021. Disponível em: <https://www.coletivoleitor.com.br/os-60-anos-de-quarto-de-despejo-entrevista-exclusiva-parte-2/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

DUSSEL, Enrique. **1492 O encobrimento do outro**: origem do mito da modernidade. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2018. 402 p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *In*: **Revista Brasileira da Educação**, nº 19, jan./fev./mar./abr. Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

Disponível em:

http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_LARROSA_BONDIA.PDF. Acesso em: 08 mar. 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)

LÖWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de História". São Paulo: Boitempo, 2005, 160 p. **Crítica Marxista**, São Paulo, Ed. Revan, v. 1, n. 21, 2005, p. 181-184.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Ilustração Vinícius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 200 p. + il.

MORAES, Maria Célia Marcondes de; MÜLLER, Ricardo Gaspar. Tempos em que a "razão deve ranger os dentes": E.P. Thompson, história e sociologia. *In*: **XI Congresso Brasileiro de Sociologia/SBS**. Campinas: Unicamp, 2003.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre a colonialidade do ser: contributos para o desenvolvimento de um conceito. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (eds.). **A virada descolonial**. Reflexões para uma diversidade epistêmica para além do capitalismo global. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 127-167.

MIGNOLO, W. **Desobediência epistêmica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Del Signo, 2010.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade o lado mais escuro da Modernidade. Trad. Marco Oliveira. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro: **RBCS**, vol. 32, n. 94, jun. 2017. e329402

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005, p. 117-142.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltencir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, 230 p.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. *In*: THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 267-304.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2. ed. Tradução do russo: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.